

Considerações Finais

Nossa pesquisa procurou estudar a representação do espaço amazônico na obra de Elizabeth Bishop concentrando atenção em analisar os poemas contextualizados no espaço regional amazônico, principalmente considerando sua importância cultural e literária para a história poética da Amazônia e devido à complexidade do estudo foi necessário concentrar em um recorte para o sistema brasileiro de literatura traduzida.

Ao investigar os vínculos entre os poemas e textos da autora em relação aos autores brasileiros e estrangeiros que escreveram sobre a Amazônia, encontramos semelhanças entre os textos de viajantes estrangeiros e os de viajantes brasileiros que não moravam na região.

Mesmo tendo lido as narrativas dos viajantes do século XIX que analisamos em nosso trabalho, a visão da Amazônia de Bishop se aproxima mais de dois outros autores viajantes estrangeiros, contemporâneos da escritora, que são Charles Wagley e Claude Lévi-Strauss. Entretanto, é nas cartas e nos diários que Bishop revela semelhança temática a Mário de Andrade, em seu diário “O turista aprendiz”. Tanto Mário como Bishop são importantes instrumentos de pesquisa e reflexão acerca da imagem cultural da Amazônia.

Os depoimentos, as cartas e os poemas constituem material valioso para estudarmos o tipo de mediação cultural que Bishop faz da Amazônia para os seus interlocutores no Brasil e na América do Norte. Para nosso estudo, mais do que o papel de intermediadora cultural, Bishop exerceu, com sucesso, o papel de tradutora cultural da Amazônia.

A imagem da Amazônia que a autora traduz culturalmente para o pólo receptor norte-americano é a visão de viajante estrangeira, porém com um filtro, decorrente de sua vivência brasileira e das leituras que aqui fez. Concentramos nossa atenção em três textos específicos – “Santarem”, “The riverman” e “A trip to Vigia” – todavia as cartas publicadas e o diário nos serviram de suporte de análise para os três textos referidos. Desse modo concluímos com a sensação de que Bishop escreve sobre o que vê, mas não ao ponto de estereotipar. Ao

contrário, no seu olhar aflora uma emoção que não encontramos em outros estrangeiros que escrevem sobre a Amazônia. Na verdade Bishop evidencia uma forma especial de gentileza e compreensão com o que vê. Isto é retratado tanto nos textos poéticos, nas cartas como nas fotos que as acompanham. Mas esse é um trabalho que nos motiva para a continuidade de um estudo sobre Bishop: as imagens.

A Amazônia se faz representar nas cartas enviadas por Bishop ao exterior, através das quais exalta a viagem, incentiva os amigos a visitar o lugar, mas sempre com o cuidado de, além de narrar a viagem sobre algo em particular, também enviar fotos para documentar o que ela havia explicado tal a preocupação da autora em retratar o fato com exatidão.

A tradução cultural da imagem da Amazônia que Bishop faz, como já dissemos no texto principal, um documento histórico literário precioso por se constituir em um raro escrito de viajante estrangeiro da década de 60.

Nosso terceiro objetivo referente a uma proposta de inserção dos textos amazônicos de Bishop como representativos da literatura de temática Amazônica nos estudos das Letras e das Ciências Sociais está baseado na pouca divulgação e conhecimento da escritora, uma vez que na literatura de expressão amazônica já são estudados alguns autores estrangeiros, como Agassiz, Wallace, Spruce, Claude Lévi-Strauss e Júlio Verne como narrativas de viagens. Entretanto, a única que constitui uma lírica com visão estrangeira da Amazônia e que pode ser vista como uma literatura de viagem, é Elizabeth Bishop.

Por outro lado, ela não apenas descreveu a geografia, a topografia, o lugar, por gostar de viajar e dominar a arte da poesia, por ser poeta, mas também por transitar em outras áreas como a Antropologia, podendo por isso ser estudada como literatura de viagem na disciplina Cultura Amazônica, com o foco do olhar estrangeiro sobre a paisagem amazônica.

Recorremos à afirmação de que a identidade só se constrói a partir das diferenças para reivindicar que a literatura de expressão amazônica amplie o seu campo discursivo e permita-nos incluir nessa área de estudo, o sistema de literatura traduzida de temática amazônica. O nosso intento foi exatamente este, o de estabelecer a produção amazônica de Elizabeth Bishop como um marco inicial para despertar na Academia a importância do estudo da tradução cultural da Amazônia por autores estrangeiros.

Pensamos que um dos fatores fundamentais a serem considerados em relação à Amazônia diz respeito ao modo como ela foi construída no discurso enunciado pelo “outro” que tomou contato com o cotidiano da região, por ser uma região marginalizada, inclusive porque se desenvolve às margens do grande rio, os discursos construídos sobre a região são enunciados a partir de um “eu” estranho à(s) cultura(s) do lugar. A região Amazônica, assim, aos poucos, graças aos estudos desenvolvidos pelos centros de saber de e sobre a região, começa a ouvir uma voz que, sem ser monofônica, é enunciada a partir de um “eu” amazônico enunciativo.